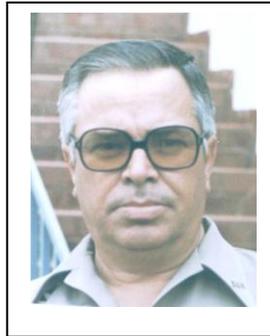


CANGUÇU-RS APELIDOS, TIPOS POPULARES, FATOS ANORMAIS, A PEDRA DAS MENTIRAS



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente das Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e de Sorocaba etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. cursou a ECEME 1967/1969, junto com o Cel Walter Albano Fressati bem como integraram o EME, II Exército 1976/1977. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e instalou em Sorocaba, sob a presidência do Professor Adilson César a AHIMTB-SP Gen Bertoldo Klinger federada a FAHIMTB, e instituiu como patronos de cadeira na FAHIMTB os seguintes ícones da PMSP Generais Miguel Pereira e Marcondes Salgado e Cel Pedro Dias Campos. Delegacia na PMSP presidida pelo hoje acadêmico patrono de cadeira especial Cel PMSP E dilberto de Oliveira Mello. O autor inaugurou em 1977, na Academia Braileira de História a cadeira nº 12 Gen Div Augusto Tasso Fragoso.

Trabalho do autor inédito, retirado dos originais de seu livro Canguçu Reencontro om a História disponível para consulta na sede da ACANDHIS e digitalizado para ser colocado em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial nº 002 de 17 nov 2014 á AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército .

CANGUÇU-RS APELIDOS, TIPOS POPULARES, FATOS ANORMAIS, A PEDRA DAS MENTIRAS

Cel Claudio Moreira Bento

Foi necessário neste último capítulo para reunir elementos que não se enquadrassem didaticamente aos demais e que ao mesmo tempo permitisse complementá-los no tocante a omissão. Daí o capítulo 13 meu número de sorte» Fui pensionista 13 no Ginásio Gonzaga» soldado 58 soma 13 em 1950, aluno 355 soma 13 na Escola Preparatória de Cadetes e da turma 13 no primeiro ano da Academia Militar das Agulhas Negras e o 132 a ingressar na Arma de Engenharia na citada Academia. Não tenho queixas hoje dia 19 de outubro de 1980 em que completo 49 anos soma 13.

Apelidos: Em Canguçu como em todo o Brasil são comuns os apelidos de família, públicos ou dentro de um grupo restrito. A cidade de Tatui em São Paulo possui e cultiva esta tradição. Um juiz de direito substituto, para fugir ao apelido desloca vaze furtivamente entre o seu escritório no fórum e o seu quarto de hotel próximo. Um dia o trem em que viajaria de volta atrasou. O juiz impaciente, com seu quarto numa água furtada, vez por outra abria a janela de madeira que dava para a rua e espichava-se para olhar à distância na estrada de ferro, sinais do trem. Foi visto nesta atitude e apelidado de "cuco" - o passarinho do relógio que dele sai para anunciar as horas (1).

Em Canguçu do meu tempo existiram os **Chico** (Preto, Cabrito, Sapo, Caolho, Jorge, Gramática e Oleiro); Linguíça, Grande, da Água, Balaca e Barriga). Outros apelidos: Pedro Mulita, Paulo Peixe, Bobinho, Judiaria, Lado, Meio Quilo, Guela de Aço, Pichulin, Dr do Gafanhotos, Chacota, Pipa, Bola, Bolinha e outros tantos que não me lembro, cuja identificação fica por conta do leitor.

O **Chico Sapo** era peitudo e tinha um pescoço grosso. O **Zé Perna** puchava de uma perna mas possuía grande força, levantava um automóvel Ford anterior ao 27 pela roda dianteira. Foi criado por Dario Freitas e serviu João Fonseca. Sua cabeça serviu de modelo ao pintor Adail Bento Costa. O **Zé Brigada** havia servido na Revolução de 23 na Brigada Militar. Era filho de Ingrácio Valente com "Bié" Cardoso. O **Judiaria** era um soldado da Brigada muito pequeno e muito invocado. Ela era maior que seu braço e não conseguiu a desembainhar provocando com seu gesto grandes risadas e o desarmamento dos espíritos. O **Meio Quilo** ficou conhecido em todas as vendas onde invariavelmente só comprava meio quilo de cada mercadoria. O seu **Chacota** como o conheci possuía uma risada inconfundível e inimitável (2). O **Chico Gramática** curti um dicionário que lia como hobby e fazia frases difíceis, com as palavras pouco conhecidas. Entrei casualmente em seu moinho próximo ao Vao dos Prestes e fiquei impressionado em 1954 com sua erudição.

Tinos populares: Entre os diversos tipos populares que existiram até 1957 em Canguçu, destacarei entre outros os seguintes que conheci durante minha infância e mocidade:

- **Irmãs Elvira e Edelvira.** Sobre elas corria a "estória". Conheceram a riqueza na infância e mocidade. Com a morte de seus pais foram ludibriadas na herança, ficando na miséria. Elvira chegou a casar. Era por índole mais bondosa e doce. Edelvira era de gênio mais violento, brigava com a polícia ou com quem lhe pusesse às mãos. Contavam que Elvira teve seu esposo assassinado. Alguns se compraziam com seu sofrimento, ao acusá-la de havê-lo morto. Ela respondia magoada e chorosa com a seguinte frase - ***"Coitadinha de mim e do meu velho, foram 3 malvados que o mataram"***.

- **Irmãs Afonso.** Eram três irmãs que ficaram orfas e desamparadas. Viveram muitos anos em Canguçu, com o produto de "**bonecas de pano**" que habilmente manufacturavam com retalhos / de costuras e nos momentos de aperto eram socorridas por bondosas senhoras canguçuenses que se apiedavam das dificuldades das irmãs. Pobres elas não perderam a dignidade.

- **Leonidia Valadão.** Era natural da Sanga Funda de onde viera para a cidade depois de ter seu marido morto num conflito. Este fato a deixou sofrendo das faculdades mentais. Ela já estava muito feia e idosa mas alimentava o romantismo de uma jovem de 18 anos. Seu rosto parecia um caroço de pêssego, todo engomado. Era inofensiva, prestimosa e por isso / bem recebida em todas as casas. Vez por outra, através de bem urdidos artifícios lhe induziam paixões por algum jovem.. Era afilhada de meus pais que a protegiam. Alguns mais irreverentes, mandavam que Leonidia sorrisse para descansar a feiura. No mais era estimada e protegida. Gostava de cantar e dizer versos.

-**Leontina.** Foi trazida de **Sanga Funda** para o hotel de Bié Cardoso. Era mais ou menos como Leonídia, somente, mas procurava passar por mocinha. Além das funções normais no interior do hotel era encarregada de entregar as viandas e de realizar compras de emergência. Certa feita pediu no balcão da Casa Valente - ***"Me dá quatro pão"***. Um dos irmãos Valente corrigiu: - ***Leontina não é pão e sim pães"***. No outro dia e no mesmo lugar, para mostrar que havia aprendido a lição de português, ao ser atendida por seu professor, respeitosamente pediu: - ***"Me dá um pães"***.

- **Valpirio.** Contaram-me que era criação do major Alvim Nunes. Caracteriza-se "por possuir um crânio ponte agudo que lembrava o **Homem Bala** personagem de histórias em quadrinhos. Esta anomalia por certo era a responsável por sua enorme dificuldade de entender uma explicação. A

cerca desta dificuldade de Valpírio corriam em Canguçu muitas estórias. Por exemplo: Apiedando-se uma jovem professora do **Valpírio** que havia atingido a idade adulta sem aprender a ler, apesar de todos os esforços dispendidos pelos mais competentes mestres de escola, resolveu fazer uma última tentativa. Decorridos alguns minutos de aula ao **Valpírio** sem assinalar-se/ nenhum progresso, a mestra já com a paciência ao fim, propôs o seguinte método:

Professora - Valpírio você agora irá repetir tudo o que eu disser. Entendeu?

Valpírio - Sim Sra fessora

Professora –Diz A Walpírio

Valpírio- Diz A Walpírio

Professora. –Mas que vivente burro este Valpírio

Valpírio –Mas que vivente burro este Valpírio

E teve fim a derradeira tentativa de alfabetizá-lo.

Outra estória que lhe foi atribuída dizem haver ocorrido durante a Revolução de 23, por ocasião de seu primeiro serviço de sentinela tirado no acampamento da facção / revolucionária a que seu patrão pertencia. O sargento da guarda recomendara-lhe ao deixá-lo em seu posto durante a noite:

-"Valpírio. Se você notar alguém aproximando-se de seu posto durante a noite, pergunta quem vem lá três vezes seguidas. Você somente fará fogo se até pouco após a 3ª pergunta você não tiver obtido resposta nenhuma.

Decorrido algum tempo de ronda, Valpírio pressentiu um ruído aproximando-se de seu posto. Ato contínuo apontou o fuzil na direção do barulho e berrou: - "**Quem vem lá três vezes**". E disparou o fuzil.

Todo o acampamento acordou e foram guarnecidos os postos de combate sem que nada acontecesse. No outro dia contam os queimadores de campo, foi encontrado um burro morto com um tiro.

- Patuá. Quem não conheceu Patuá? Veio de não sei onde .Viveu por largos anos da caridade da família Telesca, proprietária do Hotel Brasil onde em troca realizava muitos serviços, inclusive o de tocar uma bomba manual para encher a caixa d'água. Este serviço ele realizava com grande facilidade. Pois possuía grande força nos braços pelo fato de lo comover-se com as mãos, devido a atrofiadas pernas e pés. Poi um torcedor ardoroso do Cruzeiro. Ele participava dos treinos da equipe como goleiro, em cuja posição saía-se a contento. Seus pontos prediletos eram o Hotel Brasil e a Casa Ruy de Mário Silveira. Morou muitos anos nos porões do antigo Sobrado Velho.(Local hoje da Câmara de Vereadores

Ao morrer em 1953 o Dr José de Moraes, médico do Posto de Higiene dedicou-lhe o seguinte poema:

PATUÁ

Não assistiu ninguém ao formidável fim.
Daquele homem pobre, de corpo tão tortos:
Quando o acharam, calmo e só — estava morto.
Morrera só, coerente de viver assim.

Alma boa, a desgraça o não fizera ruim.
lembrava um Quasimodo, dava um desconforto,
Vê-lo sentado e triste como um Buda absorto
Uma caricatura horrenda para mim.

Alma chumbada à vida,
O corpo ao chão chumbado.
Quando bebia muito esvoaçava os braços.
Como se fosse o pobre, um Ícaro tombado.

Bebera a vida inteira - era esse o seu cunho.
E pressentindo a morte - escutando seus passos.
Quis morrer calmo e só ,morrer sem
"testemunho"•

- Ildebrando, Mário, Dário, Jama e Muça. Residiam nas imediações da estrada "das Tropas no "Cerro dos Borges. Possuíam temperamentos alegres e espirituosos. Contribuíam para que reinasse a alegria onde quer que aparecessem. Mantinham-se delicados, educados e inofensivos mesmo quando sob o efeito da bebida. Os cavalos de alguns deles de / tão acostumados, os transportavam bêbados mas ilesos de suas moradias. Se em caminho acontecia de algum cair, dali não se afastava o animal até que o dono ficasse sóbrio. Ildebrando era alfabetizado. Seu grande prazer era a construção de frases gongóricas. Prazer este que creio tinha / adquirido na convivência com o antigo farmacêutico Glicério Boaventura, que o criou. Quanto a Mário e Dário a "gozação" consistia em confundir seus nomes chamando Dário de Mário e vice versa. Em consequência era um nunca acabar de explicação. Ao ser perguntado ao Mário, sob efeito da bebida, como ele estava passando, respondia com grande prazer e afetação: - **"Vou sempre na diretoria com todo o senso e razão"**• Quanto ao "Jaba" sua ocupação era a coleta e consequente venda de ervas medicinais além de outros biscates. Ficou/ muito conhecida sua resposta **"depende"** sempre que lhe era perguntado mesmo por brincadeira: - **"Jama, você quer fazer um servicinho para mim?"**

O Muga era mais sério. Ao que parecia liderava a família, pois eram todos parentes chegados. Me impressionou vivamente na infância uma estória em que **Muga** dizia ser protegido e amigo dos sapos. Contou que certa noite em que voltava para casa meio alto, ao passar a cavalo próximo de um banhado ouviu a medida que andava o coaxar cada vez mais insistente dos sapos do banhado que ele assim entendia: - **"Olha a capa. Olha a capa."** Intrigado lembrou-se de sua capa na garupa. Voltando-se para olhar não a encontrou. Então resolveu voltar. Encontrou-a caída no chão, cerca de 30 metros atrás, na altura do banhado, graças ao aviso dos sapos.

- **Azambuja.** Foi um dos tipos populares mais interessantes- que conheci em Canguçu. Foi inclusive personagem de Luiz Carlos Barbosa Bessa, no conto A procissão de Azambuja do livro de sua autoria **O Boi de Aspas de Ouro**. Nascido em meio muito pobre, na Favila, próximo a Canguçu-Velho, passou a ser ainda jovem sacristão. Nesta função aprendeu a ler e adquiriu com os padres gosto pela/ oratória. Em consequência tornou-se seu ídolo o bajeense Gaspar Silveira Martins, então o maior tribuno brasileiro. Com treinamentos adquiriu bela inflexão, de voz, passando/ com grande prazer, sempre que fosse possível, deitar falação sobre o pessoal do seu rincão. Eles o escutavam respeitosos, admirados e principalmente quando ele apelava para as frases em latim que havia decorado.

O Azambuja com cerca de 30 anos retornou a Favila, onde constituiu família. Quando vinha a vila a diversão consistia em o fazer discursar sobre os temas mais estapafúrdios.

Recordo certa feita que foi colocado de casaca fr te ao **Dr Chaguinhas**, tipo popular, natural da Bahia e uma versão pelotense mais sofisticada do Azambuja. A certa altura da conferência do "**Dr Chaguinhas**" ele citou a palavra **mangueira** como sendo uma árvore frutífera. Então teve lugar acirrada discussão entre Azambuja e o conferencista, "**Para o Azambuja, mangueira era um local destinado a prender os animais**". **Em consequência o nobre conferencista labora em equívoco ao dizer que mangueira é um nome de árvore**". Recordo que Edmundo Tarouco, líder da brincadeira colocou uma camisa e gravata borboleta de crepon no Azambuja. O encontro deu-se no local onde hoje é a Casa Paulista, num enorme salão denominado ring no início dos anos 30, mandado construir por Maneco Jorge para patinação. Aliás esporte que hoje retornou com força total.

- **Outros:** Além desses recordo do **Quinzinho** que morava próximo ao cemitério. Quando puchavam seus andrajos ele invariavelmente gritava: - "**Não pucha que rasga!!!** E um seu parente dizia muito doente "**É melhor morrer do que penar.**" Quando piorava e sentia a morte aproximar-se dizia medroso: - "**É melhor penar do que morrer.**"

Existiam também o barbeiro* Alexandre, chefe de grande família que vivia lutando dignamente por dias melhores. Durante anos ele e seu filho ao clarear do dia iam de ponta a ponta e de um lado e outro da rua principal, na esperança de encontrar algum dinheiro ou objeto perdido durante a noite. Recordo também do **Etcetera**. Se amarrava na fantasia de ser dono de depósito, comprador de gêneros agrícolas. Perguntado o que estava comprando o seu depósito respondia: - "**Compro feijão, milho, trigo, arroz e etcetera**". Aí vinha a pergunta: - "**Quantos sacos de etcetera você compra?**" E ele respondia invariavelmente "**Compro qualquer quantidade e pago bem**". Conheci também um inveterado bebedor Fábio, cujo sobrenome omito. Ao ser-lhe perguntado porque bebia tanto respondia convicto: "**Foi minha mãe que mandou**", e completava para o interlocutor / admirado com aquela mãe desnaturada - "**Minha mãe sempre que me via bêbado me dizia – Fábio meu filho, acaba com esta cachaça. E por esta razão que desde então para atender seu pedido tenho procurado acabar com a cachaça, mas quanto mais eu tomo mais cachaça aparece**".

Nos últimos tempos tem feito época por suas estórias Bernadino Silva. Ele contou que recebeu Cr\$ 200,00 de um amigo na Lacerda para pedir que padre rezasse uma missa pela alma de um parente. Na primeira venda tomou Cr\$ 50,00 de cachaça com os amigos. Ao falar com o padre sobre a missa este teria relutado em baixar o preço de Cr\$ 200,00 para Cr\$ 150,00. Bemadino implorou. Fez de tudo para que o padre fizesse o abatimento. Finalmente face a irredutibilidade do padre, Bernadino falou-lhe: - "**Reze então só Cr\$ 150,00 de missa e a suspenda quando inteirá-los**".

- **Sra Candoca**. Era natural da Sanga Funda. Era uma babá de mãos cheias e inexcedível na tarefa de cuidar doentes. Era por outro lado uma contadora de histórias infantis de grandes recursos. Muitas e muitas noites eu e meus irmãos e crianças vizinhas escutamos suas lendas e histórias do Pedro Malazarte, de Fadas e do Negrinho do Pastoreio. Era uma alma boa e pura. Passados muitos anos a encontrei casualmente numa casa de comércio na BR – 116 próximo a Camaquã onde hoje encontra-se sepultada. Ela possuía dois filhos, sendo que um deles soldado da Brigada Militar. Creio que suas histórias povoaram as cabeças de muitas crianças canguçuenses de meu tempo. Uma coisa que ela não fazia era contar histórias durante o dia, sob o argumento que a noite era mais própria. E de fato uma história infantil contada de dia não tinha o mesmo sabor.

Lembro também do **Deodoro Grosso ou do Bumbo**. Era criação do Cel Leão Terres. Gostava muito de frases aparentemente sem sentido. Exemplos: "**O Décio Coutinho é um rapaz honesto pois roubou o meu relógio**". Isto era um elogio pois o Décio Coutinho ao vê-lo bêbado guardou temporariamente o seu relógio para que dele Deodoro não fosse espoliado. Outra frase - "**Não comam para comer**". Encerrava um conselho aos seus /

companheiros de viagem para que não comessem antes do tempo para que não faltasse o alimento na hora certa. E assim a tradição guardou muitas tiradas de Deodoro.

Fatos Anormais

Epidemias: Em 1855, um surto de **Cólera Morbus** iniciado nas charqueadas de Pelotas fez alguns óbitos em Canguçu. Vitimou em Pelotas inclusive a **Viscondessa da Graça** descendente de troncos canguçuenses da família Mattos. Em 1863, uma epidemia de febre tifóide fez muitas vítimas canguçuenses e em 1918 de igual forma a Gripe Espanhola.

Enchentes: Em abril de 1959 Canguçu foi atingida pela maior catástrofe de sua história. Foram seriamente castigadas por uma enchente do rio Piratini as então vilas Olimpo e Cerrito, hoje a cidade de Pedro Osório. As duas pontes ligando aquelas duas vilas foram tragadas pela voragem das águas. O fato foi narrado com detalhes em 1960 pelo Frei Cristóvão de Vacaria no livro **Rebelião das águas**.

Em fevereiro de 1973 outra grande enchente do Piratini ameaçou levar a centenária ponte do Império poupada na enchente de abril de 1979. As águas lamberam seus encontros (3).

Temporais: A história de Canguçu registra muitos temporais, chuvas de granizo, etc. Mas acreditamos que o mais violento desabou sobre a cidade de Canguçu a partir das 16:30 horas de 13 janeiro 1973. A Igreja do Salvador, o Ginásio Estadual, o Cine Glória e a Associação Comercial foram parcialmente destelhados. As folhagens das árvores foram quebradas pela fúria dos ventos. Este temporal antecedeu de um mês a cheia citada (4).

Neste mesmo dia o **Diário Popular** revelava ser alarmante o índice da **Doença de Chagas** em Canguçu.

Segundo pesquisas do Dr Giovanni Baruffa das 2.425 pessoas examinadas na Zona Sul a incidência da doença de Chagas era em Canguçu (24%) somente superada por Santana da Boa Vista (44,4%), Piratini (44,4%). Pinheiro Machado e Caçapava (38%). Possuíam índices menores: Lavras do Sul com 18%, Herval do Sul (14%), Pedro Osório (13,6%) e Pelotas (9,5%) (5).

A Igreja Católica já foi atingida por 2 (dois) raios conforme menciona em sua história.

Gafanhotos: Recordo que até os anos 30 Canguçu era frequentemente atingido por nuvens de gafanhotos. Assisti uma delas entre 1934-36. Uma das mais recuadas lembranças de minha infância. Houve uma mobilização de recursos para atacar a praga de saltões na altura de Armando Vieira (próximo da sede campestre do SINUELO. Foram abertas enormes valas e na beira delas colocadas folhas de zinco para que os saltões nelas batessem

e caíssem na vala. O trabalho era complementado por aparelhos que produziam fogo a semelhança de um maçarico e usados para queimar os gafanhotos. Lembro do executivo da batalha comandada por meu saudoso pai. Era um homem de cavanhaque, meio alourado, de culotes amarelos, a que o vulgo apelido de "**Doutor dos gafanhotos**". Outra preocupação dos fazendeiros foram os frequentes surtos de febre aftosa.

Indêndios: O primeiro incêndio ocorrido em Canguçu foi em 1952. Foi preso de chama o Sobrado Velho de propriedade de D. Izaura Nunes Farias, onde funcionava uma Casa de Móveis, de Francisco Almeida (6) Hoje local da Câmara de Veradores. Em data posterior houve um princípio de incêndio na casa de D. Mariquinhas ao lado do prédio onde funcionou o cinema mudo dos anos 20 e 30. Foi debelado graças a intervenção dos participantes de um baile no Clube Harmonia.

Praças

Praça Mal Floriano: Esta praça até o vilamento não possuía denominação. A partir daí até a República, denominou-se praça D. Pedro II. Por muitos anos ela permaneceu na situação de terreno baldio. Foi na administração do Cel Hipólito Gonçalves da Silva que passou por grandes transformações. Ela foi aterrada e nivelada.

Foram plantados muitos bambus em sua parte norte, delineados os canteiros. Foi envolvida por uma cerca viva de grinalda e 4 fios de arame farpado, proteção indispensável na época. em que não raro a então vila' era atravessada por / tropas e os animais andavam a solta pelas ruas.

Posteriormente nas administrações dos coronéis Leão Silveira Terres e Genes Gentil Bento foram introduzidos diversos melhoramentos. Na última foram plantados os coqueiros, dos quais alguns exemplares chegaram até nós.

Em 1933 na administração de Conrado Ernâni Bento e / como parte dos festejos da inauguração da lua elétrica a praça foi remodelada, Mandaram trazer para Canguçu diversas / mudas de árvores, arbustos, arvores e flores ornamentais e colocados doze "**bancos**" até então inexistentes e construído o **Stander Bar**. Foi cortado o bambual que forneceu improvisadas armas para a conhecida "**Noite do Bambú**", assunto do qual aqui não me ocuparei devido a falta de maiores detalhes.

A praça passou aos cuidados do competente jardineiro Ismael Henrique Rosa. Foi em seguida substituído por outro não menos competente e dedicado o sr Gregório, que zelava pela praça de modo invulgar tornando-se o terror da criançada que subisse nos canteiros e árvores ou que a depredasse de qualquer forma.

Por ser tão zeloso, vivia brigando com a criançada e mesmo com adultos, que de algum modo ameaçassem sua obra. Não distinguia filiação. Por tudo passamos a chamá-lo seu **Brigório**".

Ao final da administração do Dr Jaime de "Farias, o zeloso Gregório com estado de saúde* agravando-se dia a dia, pois eram frequentes os ataques que sofria em pleno trabalho veio a falecer. Trabalhara cerca de 12 anos naquela função, tornando-se até o presente um profissional de difícil substituição, quer sobre o aspecto competência profissional, quer sob o de espírito público.

Data desta administração entre outros melhoramentos, a substituição de um gradil de madeira por concreto armado em seu lado S e W.O. gradil complementado com artística iluminação.

Em 1954, na segunda administração de Conrado Ernâni Bento, os bancos de madeira e ferro primitivos foram substituídos por bancos de cimento. Data da administração do Dr Jacques Machado da Rosa, a construção no local da saudosa "**escadinha da praça**" instalações sanitárias públicas há muito reclamada pela população.

Praça Hipólito Ribeiro: Em data posterior a Revolução de 93, na qual conforme já escrevi o Brigadeiro Hipólito foi um dos mais destacados chefes, sua terra natal tributou-lhe homenagem consistente em ligar seu nome ao logradouro acima que existiu até pouco depois do Centenário da Independência conforme conluo de foto da época» Ele ocupava todo o quarteirão entre as ruas Osório, Julio de Castilhos, Silveira Martins e Exército Brasileiro (antiga Hipólito Ribeiro) e hoje acrescida da denominação Brigadeiro Antônio de Sampaio o Patrono da Infantaria do Exército que para Canguçu fora destacado como Capitão comandante de uma Companhia de Infantaria de 1845/1949 .

A referida praça contam foi loteada e doado o terreno pela prefeitura a quem ali quisesse construir.

Praça de Esportes Dr Jaime de Farias: No ano de 1942, na administração do Dr Jaime de Farias foi construída ao lado da prefeitura a **atual Praça de Esportes**. Ela inicialmente possuía brinquedos destinados à recreação infantil: balanços, roda gigante, gangorras, escorregador e pista de saltos.

Posteriormente na administração Victor Marques Porto, foi construída a atual cancha de Basquet e Voley e construído o gradil de concreto armado. Nesta ocasião foi lhe dada a atual denominação como justa homenagem a seu construtor, bem como foram transferidas parte dos brinquedos para a Praça Gen Floriano. Esta praça foi construída juntamente com a Cadeia Civil, Delegacia de Polícia e o Forum em terreno onde existia uma pedreira no alto do qual erguia-se a residência onde nasceu Fernando Krusser Moreira. Local hoje ocupado pela Academia Canguçuense de

História , Teatro Municipal Professor Antônio Joaquim Bento, e instalações burocráticas da Prefeitura.

A Pedra das Mentiras (6)

Em 1912 J. Simões Lopes Neto, o príncipe de nossos escritores regionalistas recolheu em Canguçu a seguinte tradição ligada a Pedra das Mentiras, junto a qual teve lugar em outubro de 1943 o 1º Combate de Canguçu. Escreveu J. Simões Lopes .

"A uns dez quilômetros da Vila, sobre a estrada que vai ,para Piratini encontra-se um grupo de pedras, que, original na conformação, tem também a si presa uma tradição , que lhe impôs o nome que perdura. Posta em lugar elevado, plano e seco, donde bem se descortinam horizontes e estradas. Possui águas cristalinas ali junto, gravetos, boas malhas de pasto para as alimárias e sombra para os andantes. O lugar parece convidar sempre a uma parada, a um ligeiro descanso. É muito raro que o mudo amável convite seja desprezado.

Donde procede o nome? Duas historietas correm, cada uma com sua feição peculiar:

A popular e a trágica. Diz a primeira; Quando Canguçu era apenas Capela (1800-12) as festas maiores faziam-se em Piratini. Então partiam para lá e regressavam pelo mesmo caminho, as alegres e numerosas comitivas que marchando sem urgência iam fazendo altos, regulados pela marcha das carretas que conduziam muitas famílias e os baús dos vestuários e os farnéis.

Uma dessas paradas era obrigatória. Era junto aquela pedra que oferecia tantas comodidades. Então soltava-se a boiada, acendiam-se os fogões e dentro em pouco passava o chimarrão, enquanto os churrascos iam em preparo. As crianças aproveitavam as paradas para as suas carreiras; a peonada (escravos) descansava um pouco, as mulheres faziam a distribuição dos fiambres, a gente nova charlava, os homens falavam de negócios, Mas tudo descambava para o bom humor e alegria saudável. Dentro em pouco, do conjunto de palestras saíam casos, exageros, intrigas, gaiatices, burlas. E tudo era levado pouco a sério. Pouco a pouco o lugar foi sendo conhecido pelo nome da desculpa com a qual cada qual a rir, pretendia inocentar-se: - **"não creia esta e a Pedra das Mentiras".** ' -:

A versão trágica: Dois estancieiros à sombra da pedra firmaram de palavra contrato de grave responsabilidade. Um precisava de importante auxílio do outro. E o outro fez-lhe promessa formal de atendê-lo. E separaram-se. O primeiro empreendeu o negócio. Empenhou-se. Assumiu grandes compromissos, confiado na palavra do segundo.

Chegando o momento de cumprir suas obrigações o primeiro estancieiro procurou o segundo que se desdisse e negou haver empenhado a palavra.

Foi então que o primeiro, levado a desonra e a miséria dizendo que o segundo lhe havia mentido junto àquela pedra que servira de testemunha o atravessou com sua adaga. Desde então a pedra mencionada passou a ser conhecida como Pedra das Mentiras.